



DIÁCONOS

XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIRETORES E FORMADORES DE ESCOLAS DIACONAIS

PALMAS, TOCANTINS

30 DE MAIO A 02 DE JUNHO DE 2016



Foi encerrado na quinta-feira, 02 de junho, o XIV Encontro Nacional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais, realizado na Comunidade Católica “Sementes do Verbo” de Palmas, Tocantins. O encontro teve início no dia 30 de maio, às 14h. Após a Missa na Capela, presidida pelo arcebispo de Palmas, dom Pedro Brito Guimarães, concelebrada pelo bispo referencial dos diáconos, dom João Francisco Salm, bispo de Tubarão, SC e presbíteros, houve a abertura dos trabalhos na sala de palestra, coordenada pelo presidente da Comissão Nacional dos Diáconos (CND) diácono Zeno Konzen. A introdução foi feita pelo diácono Antonio Heliton Alves, secretário da CND, explicando sobre a votação das propostas para o Documento Final.

Após debate e votação, foram aprovadas as propostas, que farão parte do plano de trabalho sugerido às Escolas Diaconais:

- 1) Reforçar a ideia da criação do Propedêutico como parte da formação diaconal (o que é proposto pelo CELAM – Conselho Episcopal Latinoamericano)
- 2) Cumprimento dos requisitos básicos para o Diaconato segundo a Santa Sé e CNBB
- 3) Próximo encontro somente com os diretores de Escolas a exemplo da OSIB
- 4) Renovação do Compromisso Diaconal conforme Planejamento de cada Diocese (Retiros Espirituais mais longos)
- 5) A CND trazer propostas de soluções para a relação de comunhão eclesial a partir de um senso diagnosticando as realidades vividas nos diversas regionais.
- 6) Que os encontros sejam realizados em feriados prolongados e juntos com as esposas.
- 7) O encantamento missionário como base da formação. O diácono formador ser o incentivador desse encantamento.
- 8) O Diácono chamado a santidade através da Oração e Coerência de vida.
- 9) Que preferencialmente a formação dos diáconos seja em escolas de formação diaconal não excluindo as faculdades, porém que os candidatos destas tenham o estágio Pastoral em uma escola diaconal.
- 10) Que as escolas devam ter prioritariamente um período de propedêutico com as famílias.
- 11) Revisão da grade curricular para inserção de disciplinas, tais como Gestão Paroquial e Oficinas de Liturgia.
- 12) Possa junto a CNBB formar uma equipe de capacitação para Diretores e formadores das Escolas Diaconais.
- 13) Que a CND coordene e tenha um projeto missionário para um período: 3, 4, 5, 6 anos na Amazônia (Amazonas / Pará), Alto Solimões, lembrando as palavras do Papa Francisco “Não esqueçam da Amazônia”.
- 14) Avaliação como processo.
- 15) A criação de Escolas Diaconais à Distância – EAD
- 16) Que cada Arquidiocese ou diocese assuma a formação das escolas Diaconais, inclusive em parceria com Universidades Católicas, Institutos e Seminários.

Veja mais novidades em nosso site: www.cnd.org.br

Diácono à Serviço da Família, da Vida e da Esperança

Diácono Zeno Konzen - Presidente da CND



Saúdo a todos irmãos e irmãs no amor e na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Muitos de nós somos chamados e escolhidos para a missão de atuar junto aos futuros diáconos em sua formação, vida e ministério, assim, fomos convocados pela CND a participar do XIV Encontro Nacional de Diretores e Formadores das Escolas Diaconais que ocorreu entre os dias 30 de maio a 02 de junho de 2016 na Comunidade Católica "Sementes do Verbo", na cidade de Palmas (TO).

Se fizeram presentes 94 diretores e formadores das escolas diaconais de todo Brasil. Fomos orientados pelo Pe. Cesar Braga, do CELAM - Conselho Episcopal Latinoamerica, que nos fez uma bela e esclarecedora explanação sobre o Diaconado na América Latina.

Na continuidade o diácono Antônio Heliton Alves, secretário da CND - Comissão Nacional dos Diáconos, nos fez uma exposição sobre a Realidade Eclesial.

Dom Pedro Brito, arcebispo de Palmas refletiu com os presentes o seguinte tema: "O Desafio da formação", enriquecendo o encontro com sua visão e suas considerações, a respeito do atual momento que vivemos, no que diz respeito à formação diaconal.

Tivemos um momento impar nas palavras do arcebispo de Palmas, quando fez menção ao Atos dos Apóstolos, cap. 6, sobre a imposição das mãos aos diáconos para atenderem as viúvas e servirem as mesas. Perguntou ele: "que mesas estamos servindo?" "Quais são as mesas de hoje?" Deixando-nos, assim, esta profunda reflexão de caridade e efetiva atuação diaconal.

Na sequência de palestras nos agraciou com sua presença dom Sergio da Rocha, arcebispo de Brasília e presidente da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que em sua fala refletiu sobre o tema: "Desafios e Perspectiva do Diaconato no Brasil". Dom Sergio lembrou que os diáconos devem servir no tríptico múnus da Caridade, da Palavra e Liturgia, sendo que a Caridade teve ter um cuidado especial, pois, nas mais distantes áreas de nosso vasto território, existem muitas comunidades desassistidas pelo posicionamento geográfico (os novos arcebispos - Doc. Aparecida 205), nesses locais se faz urgente a atuação da Igreja através do ministério diaconal, levando, então, aquelas comunidades a palavra de Deus através da liturgia.

Por isso, devemos buscar a formação permanente para melhor servir na Palavra, Liturgia e Caridade. Dom Sergio mencionou, também, a Exortação Apostólica pós-sinodal AMORIS LAETITIA, do papa Francisco, lembrando que acima de tudo devemos ter cuidado especial com nossas famílias para que possamos então, servir e ajudar outras famílias.

No decorrer do encontro percebemos os bispos, sacerdotes e diáconos presentes, preocupados com a Formação, Vida e Ministério dos Diáconos nas diversas realidades de nosso imenso Brasil.

Esteve presente, todos os dias conosco, dom João Francisco Salm bispo da diocese de Tubarão (SC) e referencial dos diáconos do Brasil. Entre tantas intervenções de dom João no decorrer do encontro, nos mais diversos assuntos, nos deixou uma clara orientação do serviço efetuado com humildade, pois, quando assim procedemos, tornamos nosso trabalho profícuo nas relações humanas com vistas à evangelização.

Em nome da CND agradecemos a Comunidade Católica "Sementes do Verbo" que nos acolheu com muito amor e carinho nos dias que lá estivemos. Que possamos evangelizar em todos os recantos do país sob a proteção do manto sagrado de Nossa Senhora Aparecida. Amém!



DIÁCONOS

Publicação mensal - Ano X - Nº 119 - Junho de 2016

EDIÇÃO ESPECIAL - XIV ENDFED

Órgão Informativo da Comissão Nacional dos Diáconos - CND

www.cnd.org.br

E-mail: enac@cnd.org.br

ENAC - Equipe Nacional de Assessoria de Comunicação

DIRETORIA:

- * Presidente: Diác. Zeno Konzen
- * Vice-presidente: Diác. Francisco Salvador Pontes Filho
- * Secretário: Diác. Antonio Héilton Alves
- * Tesoureiro: Diác. Antonio Oliveira dos Santos

Equipe Nacional de Assessoria de Comunicação - ENAC

- * Diác. José Bezerra de Araújo - Reg. Prof. 1210 DRT/RN - (84) 3208 5313 - jbez_araujo@hotmail.com
- * Diác. Alberto Magno Carvalho de Melo - albertomagno@ig.com.br
- * Diác. José Carlos Pascoal (11) 98512 4499 - diacpascoal@uol.com.br / enac@cnd.org.br

O Diácono e os desafios evangelização numa Igreja “em saída”

Diácono Antonio Heliton Alves
Secretário da Comissão Nacional dos Diáconos



Vários são os aspectos que impactam o anúncio do Evangelho hoje: um acelerado processo de mudanças, onde se dissolve a concepção do ser humano e predomina a subjetividade e o individualismo; a influência dos meios de comunicação, criando uma nova cultura e novos referenciais; construindo uma nova concepção de pertença comunitária. Isso exige de cada um de nós uma perfeita sintonia com esta

nova realidade e um olhar atento para este momento novo.

Nesse contexto, é necessário surgir um novo modelo de pastoral, uma Igreja “em saída”, para iniciar um verdadeiro trabalho missionário. Os primeiros destinatários desse esforço são os católicos afastados, já estes já têm uma base católica, sem negligenciar os demais, pois o anúncio do Evangelho é destinado a todos. “A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades.”

Na 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho, realizada em Aparecida (SP), de 13 a 31 de maio de 2007, a Igreja assumiu a missão continental como uma proposta para a evangelização na América Latina. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil é uma resposta a esse compromisso.

A eleição do Papa Francisco, primeiro papa Latino-americano, trouxe para a Igreja uma nova primavera e um novo alento para a evangelização neste continente. Sua postura de aproximação com todos e a coerência entre suas palavras, gestos e ações, deixa uma profunda impressão em todos, católicos ou não. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é uma referência para a evangelização e um convite a uma maior abertura ao chamado do Senhor. A alegria de anunciar o Evangelho é uma forma de partilhar a experiência do encontro com Cristo. E quem fez essa experiência não pode guardar isso somente para si.

O Documento 100, “Comunidade de Comunidades – uma nova paróquia”, quer ser uma resposta para fazer frente ao desafio que o nosso tempo exige: uma Igreja feita de pequenas agremiações que permite uma evangelização feita através da proximidade, pelo cuidado de uns pelos outros. É uma presença viva nas novas fronteiras da missão. As pequenas comunidades são o lugar ideal para o exercício do tríptico múnus do ministério ordenado, particularmente dos diáconos permanentes. “O caminho para que a Paróquia se torne verdadeiramente uma comunidade de comunidades é inevitável, desafiando a criatividade, o respeito mútuo, a sensibilidade para o momento histórico e a capacidade de agir com rapidez.” (DGAE, 63).

No exercício equilibrado do tríptico múnus do ministério ordenado, o diácono, homem seguidor de Cristo Servo, homem de profundo sentimento de pertença à Igreja, homem de fé, homem de pé no chão e coração nas realidades sociais, presente nas celebrações, na proclamação da Palavra e na catequese e na ação concreta em favor dos mais pobres e excluídos. Animado por uma espiritualidade que nasce da Eucaristia e prolonga no cotidiano da vida, através de atitudes que implique ações e participações, sendo sal da terra e luz do mundo.

Neste novo contexto histórico de mudança de época, a formação para o exercício do ministério diaconal deve ser preocupação constante dos pastores e de todos aqueles que são responsáveis por esse serviço na Igreja. Não apenas a formação inicial, mas também

a formação permanente. Fundamental é o processo de discernimento vocacional, de modo que a vocação seja resposta a uma necessidade da Igreja, respondida por aquele que é chamado ao serviço dos irmãos. O chamado não é nosso, mas de Deus. Toda iniciativa é de Deus. Nunca nossa. Pois ele nos amou por primeiro, concedendo-nos o dom da fé, que não é propriedade de ninguém, mas um inestimável presente de Deus e que se mantém viva pelo estudo, pela oração e pelo diálogo.

Uma das marcas do nosso tempo é a pluralidade, particularmente a cultural e a religiosa. A Igreja não pode querer continuar fixada no passado. Nesse sentido, o futuro diácono deverá ser orientado para o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural e, extensivamente, com aqueles que são diferentes.

Uma mente que está fixada no passado é uma mente depressiva; fixada no presente, é maníaca; a alma humana só é sábia se mantiver seu olhar no futuro. Olhar fixo em Jesus. A esperança não decepciona.

A pastoral deve ser mais propositiva, evitando se colocar “à parte”, distante da história e da cultura. Seremos sempre um “pequeno rebanho”. Os cristãos são para o mundo, aqui-lo que é a alma para o corpo.

Decisivo é o encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Ir ao encontro do outro é a “dimensão da fé”. A fé não é doutrina, mas o kerygma. Anunciar de forma alegre, acolhedora, gratuita e santamente (pessoal e institucionalmente). A Igreja não evangeliza apenas com palavras, mas como ela se apresenta.

“Juntamente com o Espírito Santo, Maria sempre está no meio do povo. [...] Ela é mãe da Igreja evangelizadora e, sem ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização”. Os diáconos devem acolher Maria como modelo de sua missão, do sim generoso, da humildade, da generosidade para com todos, de modo particular junto aos mais sofridos – os restos e resíduos da humanidade – cultivando uma espiritualidade trinitária-mariana que alimente o seu “ser” diaconal. Enquanto for oportuno, as esposas são chamadas também a acompanhar o esposo nessa devoção mariana.



“A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é uma referência para a evangelização e um convite a uma maior abertura ao chamado do Senhor.

A alegria de anunciar o Evangelho é uma forma de partilhar a experiência do encontro com Cristo.

E quem fez essa experiência não pode guardar isso somente para si”.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O DIACONADO PERMANENTE (Palmas – XIV Encontro Diretores e Formadores de Escolas Diaconais)

D. Sergio da Rocha, arcebispo de Brasília

Introdução: a compreensão teológica e o exercício do ministério do diaconado permanente na Igreja, hoje. Contexto eclesiológico em que vivemos: o pontificado do Papa Francisco.

- Ser diácono na Igreja hoje perante os ensinamentos e testemunho do Papa Francisco: Igreja missionária – Misericordiosa – Pobre (Simplicidade) – Ministerial – Santa.
- Traços eclesiológicos ressaltados: a missão/missionariedade, a misericórdia, o acolhimento, o diálogo, a simplicidade, o serviço/ministerialidade, a santidade.
- Papa Francisco põe em relevo, desenvolve e aprofunda, aspectos que integram o patrimônio perene da Tradição e do Magistério da Igreja.
- Implicações na formação diaconal e no exercício do ministério. Alguns desafios e perspectivas:

1. O exercício harmonioso do tríplice serviço: Liturgia, Palavra, Caridade.

* Conjugar, com equilíbrio, o tríplice serviço ministerial, sem descuidar de nenhum, nem restringir a um único.

* Conforme os carismas pessoais e as exigências pastorais de um momento histórico determinado, ele poderá enfatizar um ou outro desses ministérios sem descuidar os demais.

* Dar o devido relevo ao campo da caridade e ao âmbito da Palavra, conforme a concepção eclesiológica (Igreja misericordiosa e missionária).

2. O diácono misericordioso: o serviço da caridade numa Igreja misericordiosa.

* Dificuldade: proporcionar e incentivar nas dioceses as iniciativas/ações correspondentes a esses campos, especialmente o serviço da Caridade. Desenvolver através das pastorais sociais, diaconias, exéquias, etc.

* Desafio: formação que inclua a experiência pastoral nesses campos. Preparação para atuar no meio dos pobres e no mundo do sofrimento humano (enfermos, encarcerados, migrantes, povo de rua...). Para tanto, valorizar os diferentes dons, a formação acadêmica e experiência profissional dos diáconos.

3. O ministério diaconal na Igreja missionária: o diácono missionário numa Igreja missionária

* A disponibilidade para servir: a solicitude pastoral, o espírito missionário, na Igreja local (diocese ou paróquia), atendendo as áreas mais carentes.

* A necessidade de missionários além fronteiras; em outras regiões do Brasil, especialmente na Amazônia.

* Necessidade de: coração missionário, espiritualidade missionária, formação missionária.

* A animação missionária da vida da comunidade pelo diácono permanente.

4. O serviço da Palavra: o diácono servidor da Palavra na Igreja missionária.

* O serviço da Palavra além da proclamação litúrgica do Evangelho e das homilias nas celebrações. Atuação: na catequese, na formação e na evangelização.

* O vasto campo dos novos aréopagos (meios de comunicação, escolas, universidades, centros culturais, órgãos públicos...). Novamente: valorizar os diferentes dons, a formação acadêmica e experiência profissional dos diáconos.

* O uso dos meios de comunicação social, da internet e das redes sociais para evangelizar.

5. O serviço da Liturgia: o diácono orante numa Igreja contemplativa.

* Não se reduz à celebração da Palavra e dos sacramentos ou a colaborar na celebração eucarística. Exige atuação pastoral muito mais ampla no âmbito da preparação e vivência dos sacramentos.

* Eclesialidade da liturgia: não ação pessoal do diácono, mas de Cristo e da Igreja.

* Piedade e simplicidade. Vida eucarística. Oração cotidiana.

6. O relacionamento com a família: o diácono testemunha da “alegria do amor na família”

* Os diáconos casados devem ser fiéis a sua dupla sacramentalidade: a do matrimônio e a da ordem (cf. Doc. Santo Domingo, 77). Portanto, o ministério diaconal deve ser exercido no respeito aos compromissos matrimoniais do diácono permanente, sem prejuízos para a sua vida conjugal e familiar cristã.

* O diácono casado não pode descuidar do seu lar sob o pretexto do exercício do ministério. Por isso, desenvolverá uma autêntica espiritualidade matrimonial e estará sempre atento para que os trabalhos diaconais não o afastem da necessária convivência com a esposa e os filhos.

* Dificuldade de conciliar o exercício do ministério com a atividade profissional (sustentação pessoal e familiar) e a vida familiar (atenção a esposa e filhos).

* Relação com a família: testemunhar o valor e a beleza do matrimônio e da família. Dar a devida atenção a esposa e filhos. Não pode prejudicar a vida conjugal e familiar (dupla sacramentalidade). O papel das esposas e dos filhos antes e depois da ordenação diaconal.

7. O ministério diaconal na Igreja ministerial: o diácono servidor numa Igreja servidora.

* O serviço como dimensão/sentido originária constitutiva do diaconado.

* “Serviço” não implica na redução a executor de tarefas. O ser e o fazer. Quando não puder mais fazer, continua a ser diácono.

* A valorização da diversidade ministerial na comunidade: os diversos serviços/ministérios confiados aos leigos, a vida consagrada e o sacerdócio ministerial. Doc. 105 da CNBB: “Os cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade. Sal da terra e luz do mundo”. Incentivo à participação dos leigos.

* Uma das exigências principais para o candidato ao diaconado permanente: assumir inteiramente o seu papel de cristão leigo na comunidade e no mundo.

8. A incardinação na Igreja particular: o diácono em comunhão na Igreja local.

* Significado da incardinação, por ocasião da ordenação. Não se restringe aos aspectos canônicos. Sentido de pertença e comunhão na Igreja particular.

* Unidade com o Bispo: “obediência” a fim de atender as necessidades da Igreja; participação em celebrações diocesanas.

* Unidade com os presbíteros: relacionamento fraterno, respeitoso; participação nas atividades diocesanas destinadas ao conjunto do Clero.

* Unidade com os diáconos: conviver fraternalmente (atenção aos que mais necessitam); participar das atividades destinadas aos diáconos (retiros, celebrações, estudo); trabalhar juntos.

* Comunhão com a vida religiosa: respeito e valorização da vida consagrada, especialmente a presença/trabalho de religiosas.

* Relacionamento com a Paróquia: importância da experiência comunitária e pastoral na paróquia, antes e durante o período de formação inicial, como candidato. Porém, não significa paroquialização do diácono.

* Extremos: menosprezar a paróquia de origem/domicílio; viver em função dela.

9. A formação permanente: o diácono em contínua formação.

* Dificuldades das dioceses de oferecer programas de formação permanente e dos diáconos de participar delas. Disposição pessoal, disponibilidade pastoral e condição econômica.

* A necessidade de formação continuada contemplando as várias dimensões.

10. O diácono chamado à santidade.

* Tentação da mundanidade espiritual (virtual); estilo de vida mundano contrastado à fidelidade.

* Testemunho de vida cristã, especialmente de fidelidade, nos seus vários aspectos. A santidade na vida matrimonial e profissional.

DOCUMENTOS SOBRE O DIACONADO PERMANENTE:

- **Congregação para a Educação Católica, Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes, Roma, 1998; Congregação para o Clero, Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes, Roma, 1998; CNBB, Diaconado no Brasil: Teologia e Orientações Práticas, 12/12/87, Coleção Estudos da CNBB, n° 57; CNBB, Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil, Doc. 96, 2011.**

OS DESAFIOS DE FORMAR DIÁCONOS PERMANENTES

Dom Pedro Brito Guimarães, arcebispo de Palmas – TO

1. Uma vocação antiga para uma nova missão: “cuidar das mesas...!”

Lucas, após apresentar o retrato falado das Primeiras Comunidades Cristãs (At 2.42-47; 4,32-35), tudo muito idealizado, muito organizado e muito perfeito, como um quadro intocável, sem necessidade de retoques e correções, aparece aqui as primeiras rugas, no espelho liso, deste mesmo retrato (At 6,1-7). Quando lemos este texto, descobrimos algumas coisas que, ao mesmo tempo, são encantadoras e desafiadoras. Lucas coloca este texto dentro de uma moldura, como a de um porta-retrato. No contorno da parte de cima, como uma espécie de cabeçalho, dá-se conta do “aumento do número dos discípulos” (At 6,1). Discípulo aqui é uma nova maneira de designar os cristãos que aderiram a Jesus, que os evangelhos chamam com este nome¹. No coração deste quadro, apresenta a queixa que as viúvas helenistas (judeus de língua grega que se tornaram cristãos na diáspora) não estavam sendo atendidas (At 6,1). No contorno da parte de baixo, fecha a moldura deste mesmo quadro com a seguinte afirmação: “a Palavra crescia e o número dos discípulos se multiplicava” (At 6,7). Com esta espécie de estribilho ou de refrão, nasce o ministério diaconal dentro deste quadro moldurado. Qual dos dois motivos pesou mais na escolha dos sete: o aumento dos discípulos ou o descuido com as mesas das viúvas?

Vale ainda dizer que a palavra “diácono”, escrita, no substantivo, neste texto, não aparece. Aqui eles não são chamados de “diáconos”. Mas o serviço dos sete sim. A diaconia (cf. At 21,8; Dt 16,18) de “servir as mesas” (diakonein trapezais), é aqui designada. O número doze simboliza as doze tribos de Israel e o número sete simboliza a universalidade, pois era considerado o “número perfeito”. Com isto conclui-se que “diácono” é o nome de um serviço eclesial e não de um poder ou de uma honra. Um ministério que nasceu da imposição das mãos dos apóstolos (quirotonia). E, por isto, é um ministério apostólico. Isto faz da vocação e do ministério diaconais uma vocação e um mistério apostólico. Receberam a autoridade dos apóstolos de Jesus porque foram ordenados pela imposição de suas mãos (kheirotonia = quirotonia = eleição por alçada das mãos).

Enquanto para os doze Lucas fale em rezar e pregar, para os sete, fala em cuidar das mesas. No entanto, não é isto, de fato, o que acontece. Diz um amigo meu, o padre Luis Mosconi, que um dos critérios para se ler a Bíblia é a desconfiança: o que será que o texto está dizendo? Será que é isto mesmo? O que o texto quis realmente dizer? Desconfiar não tem nada a ver com descrença, mas com teologia e exegese. Estevão tem os mesmos dons do Espírito Santo, opera sinais e prodígios semelhantes as doze e até discute com eles (At 6,8-11; 7,1-53). A missão de Estevão e de Felipe (At 6,8-8,40), logo a seguir, contradiz esta ordem. Ao menos, esses dois diáconos missionários “helenísticos” exerceram missões que se assemelham a dos apóstolos: fazem milagres (At 8,6-7); anunciam a Palavra (At 8,4); e batizam (At 8,38).

Quando lemos as exitosas missões de Estevão (At 6,7-7,60) e de Felipe (At 8,4-23.26-40) – um pela morte e outro pela atividade missionária -, damos conta da importância deste ministério na vida e na missão da Igreja de ontem, de hoje e de sempre. Nestes relatos, três qualidades ou virtudes são destacadas nestes diáconos: “homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (At 6,3). O Espírito Santo não depende de nós: é dádiva, graça e dom. A sabedoria, no entanto, depende de nós: é adquirida e cultivada pela formação da mente e do coração. E a boa reputação é decorrência das duas anteriores. Dom, sabedoria e boa reputação juntos, transformaram e fizeram destes homens, testemunhos exemplares do ministério diaconal de ontem, de hoje e do futuro. Estas três qualidades são adquiridas na sala de aula ou são trazidas de casa? São inatas ou adquiridas?

O testemunho, a pregação e a morte de Estevão, em pleno exercício do ministério diaconal, dão a este ministério nascente contornos teológicos imensuráveis. Estevão é arrastado ao Sinédrio como Jesus no Calvário. Como Jesus, exaltado e vitorioso, contemplando o Pai, morre Estevão, contemplando a Jesus. Assim morre o primeiro diácono da história do cristianismo, cognominado de protomártir. É por isto que os diáconos, desde cedo, foram considerados “diáconos dos mistérios de Jesus Cristo”².

2. A arte de formar (-se) diáconos

O que de fato entendemos quando falamos de formação? O que é mesmo formação? O que se forma em uma pessoa? Como se forma uma pessoa? A formação é só intelectual, acadêmica, livresca, teológica, ou é, ao mesmo tempo, existencial e vivencial? Forma-se mais a cabeça ou o coração? A palavra “formar” esconde, semântica e etimologicamente, a ideia de “fôrma” e de “fôrma”: colocar o aluno dentro de um molde e de uma forma existentes³: o molde e a forma do diaconado permanente. Formar um diácono permanente hoje requer a mesma seriedade da formação de um presbítero, de um médico, de um engenheiro, de um advogado etc. Mas não pode ser simplesmente a fotocópia de qualquer formação, nem mesmo a de um presbítero. O certo é dizer que toda formação é uma auto formação. Isto vale para todo tipo de formação, sobretudo para uma pessoa adulta e “já formada”, como comumente é a de um candidato ao diaconado permanente. Conhecemos o princípio formativo, interativo de Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Formar, como se dá com a maiêutica de Sócrates, é ajudar o formando a sair, a vir à luz, a gerar, a parir o que está dentro dele. O formador deve fazer a vez de uma parteira: ajudar o formando a dar a luz.

A formação de um diácono hoje deve ter o mesmo currículo, a mesma metodologia, os mesmos materiais didáticos e as mesmas tessituras da formação de Jesus aos seus discípulos: prática e teórica, acadêmica e vivencial, em casa, na sala de aula, nas ruas, nas estradas, nas sinagogas e nos templos? Os verbos que mais Jesus usava para formar seus discípulos eram: sair, ir, visitar, ensinar, andar, curar, expulsar demônio etc, de madrugada, no caminho, no deserto, na solidão, no descanso, no silêncio, em oração, em contato e no encontro pessoal com ele, Mestre e Senhor. Jesus é o formador por excelência dos seus discípulos missionários de ontem, de hoje e de sempre. Afinal, Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13,8). A formação para qualquer ministro ordenado deve ter como modelo o modo de formação de Jesus: a Escola do Evangelho e a Escola da Missão. Os evangelhos reproduzem o que foi, como foi e do que foi a formação de Jesus aos seus discípulos. Os cinco pilares da formação de um diácono deve ser os cinco pilares, elaborados pela UNESCO: aprender a conhecer e a pensar; aprender a fazer; aprender a conviver com os outros; aprender a ser; e aprender a discernir a vontade de Deus.

3. O encantamento missionário, a base da formação

“Missão é uma grande brincadeira entre Deus e nós, nós e Deus” (Pr 8,29-31). A Igreja tem a missão de despertar o mundo da sua sonolência. Este é o amor do primeiro amor do diaconado permanente. De tudo isto, destacamos que o segredo de qualquer vocação está no encantamento por Jesus e sua Igreja. Não se vive sem encantamento, sem sentido, sem missão. Ninguém segue fielmente, por muito tempo, a alguém por quem não haja paixão e encantamento. O encantamento deve estar na base da formação diaconal. Encantamento tem tudo a ver com sedução, atração e paixão (Jer 20,7-13; Fl 3,7-11). O segredo da vida espiritual de um diácono está no encantamento e na paixão. Quem não se encanta e se apaixona por Jesus, por seu Reino, por sua Palavra, por sua Igreja, por seus pobres e por sua missão, dificilmente se manterá, por muito tempo, na vida diaconal. Jesus não chamou, acompanhou e formou igualmente doze apóstolos? Como explicar que uns progrediram, outros não? Por causa da paixão, do encantamento e do amor por Jesus. Jesus, ao dar o primado a Pedro, não perguntou pelos seus dotes administrativos e de gestor, mas se o amava mais do que os outros (Jo 21,15-19). Somente o amor. E por que Judas traiu Jesus? Não passou pela mesma Escola do Evangelho? Não conviveu com Jesus? Não o teve como formador? Por que traiu a Jesus? Porque não o amou, perdeu o encanto e a atração. Por causa das pequenas rebeldias, das desobediências, das infidelidades, das insensibilidades e das autorreferencialidades, diferentemente dos outros apóstolos.

O segredo então da vida espiritual de um diácono está na capacidade de amar, de se apaixonar e de se reencantar cada dia, de começar sempre de novo e partir, sem olhar para trás. Quem assim não faz, a chama da vocação se apaga e a vida vira rotina. O segredo do seguimento radical de Jesus está no encantamento por sua pessoa e pelo seu projeto de vida. Quem não parte, na vida espiritual, deste ponto de partida, parte sem base, sem suporte, sem rumo, sem projeto de vida e sem missão. O segredo então da formação diaconal está em seguir e servir a Jesus, se encantando por Ele. (continua)

OS DESAFIOS DE FORMAR DIÁCONOS PERMANENTES (continuação)

Esta é a motivação que dá sentido a uma verdadeira vocação diaconal. Quem não se encanta ou perdeu o encanto, tudo é motivo para lastimarse, murmurar e abandonar o barco. Começar, partir e chegar encantado por Jesus e chegar encantado pelo seu Projeto de Vida Portanto, o fundamental, o mais importante na formação de um diácono é encantá-lo e apaixoná-lo por Jesus, pela Igreja e pelas suas missões, no começo, no meio e no fim.

4. O que não pode faltar na formação diaconal hoje

Formar diáconos por que e para quê? O diácono permanente é uma vocação e uma missão do passado para o futuro. Sabemos que o ministério diaconal remonta ao tempo dos apóstolos. Portanto, é um dos ministérios apostólicos. Existem muitos textos bíblicos que testemunham e confirmam a sua existência, a sua origem e a sua prática no cristianismo nascente (At 6,1-6; 1Tm 3,8-13; 2Ts 3,8ss; Fl 1,1).

Os sinais e os prodígios da vocação e da missão dos primeiros diáconos, seja de Estevão, seja de Filipe, se dão no limiar, na encruzilhada e no entrono das fronteiras existenciais e geográficas das diaconias hodiernas: territorial, setorial e ambiental. Desta forma, os dois devem servir de medidas e de modelos, programáticos e paradigmáticos, para a formação e a missão do ministério diaconal nas novas “fronteiras”, nos novos “areópagos” e nos novos “pátios dos gentios”. Estas são as mesas das viúvas que os diáconos devem servir. Ontem como hoje, há muitos “eunucos” que cruzam e percorrem as estradas, as praças, os campos e as cidades, a procura de quem os expliquem as Escrituras e os batizem. A estrada que desce de Jerusalém à Gaza ainda está deserta. A carruagem ainda está à espera de quem dela se aproxime. Há, portanto, ainda um longo caminho a percorrer no campo da diaconia.

Hoje quando afirmamos que o diaconado foi o ministério das periferias e fronteiras do passado, estamos afirmando também que, no presente e no futuro, “Os diáconos permanentes são ordenados também para acompanhar a formação de novas comunidade eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais”⁵. Quando refletimos sobre algo desta natureza, recordamos das palavras do papa Francisco, especificamente sobre a formação presbiteral, dirigidas aos bispos brasileiros, com destaque aos bispos amazônicos, como eu: “Eu gostaria de acrescentar que deveria ser mais incentivada e relançada a obra da Igreja. Servem formadores qualificados especialmente professores de teologia, para consolidar os resultados alcançados no campo da formação de um clero autóctone, inclusive para se ter sacerdotes adaptados às condições locais e consolidar, por assim dizer, o ‘rosto amazônico’ da Igreja”⁶. E acrescentou: “uma Igreja como a que está no Brasil, que é um grande mosaico de ladrilhos, de imagens, de formas, de problemas, de desafios, mas que, por isso mesmo, é uma enorme riqueza. A Igreja não é jamais uniformidade, mas diversidades que se harmonizam na unidade. E isso é válido em toda a realidade eclesial”⁷. E finalmente, disse: “Arrisquem! Não tenham medo de arriscar. Se vocês não se arriscarem, já estarão errados”⁸.

Que leitura e aplicação devemos fazer destas sábias palavras do papa Francisco para a formação do diaconado permanente na Igreja do Brasil?

* Primeiro, “isto é válido em toda a realidade eclesial: a Igreja, como um grande mosaico de ladrilhos, de imagens, de formas, de problemas e de desafios, que se harmonizam na unidade”. Bem que se poderia justificar a necessidade da harmonia entre os ministérios ordenados: o ministério diaconal, ao lado do presbiteral, nas comunidades eclesiais, especialmente naquelas não satisfatoriamente atendidas pastoralmente.

* Segundo, “um clero (padre e diácono) autóctone, adaptados às condições locais, como rosto amazônico”. Se até o ministério presbiteral, que sempre teve uma configuração teológica mais complexa, é possível existir autóctone e com rosto inculturado, o que não dizer do diaconado permanente que tem uma configuração teológica bem mais simples?

* Terceiro, “arrisquem! Se não arriscarem já estão errados”. Estamos incorrendo num erro, pois, não arriscamos e nem ousamos. Não existe nada mais capaz de derrubar as barreiras de estruturas caducas, que já não mais evangelizam, do que a missão; Nas curvas dos caminhos das mudanças de épocas, a rigor, a Igreja nem precisaria de diáconos missionários. Bateria ter missionários diáconos.

Mas, onde se encontram estas novas periferias para o exercício

missionário do diaconado permanente? No mundo das mass media e das redes sociais, nos aglomerados, nos condomínios fechados, nos hospitais, nos asilos, nos abrigos, nos lugares de lazer e de turismo, nas prisões, no mundo da ecologia e do cuidado do meio ambiente e, sobretudo, nos corações das pessoas. “A missão da Igreja é para o coração das pessoas”⁹. “A missão não é apenas uma questão de territórios geográficos, mas de povos, culturas e pessoas individuais, precisamente porque as fronteiras de fê não ultrapassam somente lugares e tradições humanas, mas o coração de cada homem e de cada mulher”¹⁰.

Portanto, neste Encontro de Formadores de Escolas Diaconais do Brasil, se faz necessário, revalorizar ainda mais a vocação e a missão, a graça e o carisma do diaconado permanente. Não mais tê-lo para enfeitar altar ou substituir padre, mas para a criação e a edificação da Igreja nas novas periferias e fronteiras. Para tanto, é preciso que as sementes deste precioso dom encontrem terrenos favoráveis, a fim de que possam germinar e produzir frutos. Estes terrenos devem ser adubados e fertilizados com o corretivo de uma boa formação diaconal. Sem isto, é como colocar remendo novo em pano velho, vinho novo em odre velho (Lc 5,36-37). Foi este o terreno que levou a Igreja primitiva a escolher para o diaconado homens de boa reputação, repletos do Espírito Santo e de sabedoria. É neste sentido que afirmamos que o ministério diaconal é o ministério do passado para o futuro: um pequeno, mas eficaz sinal de esperança para a profecia de uma Igreja, comunidade de comunidades, missionária, samaritana, misericordiosa, a serviço da vida dos mais indefesos.

5. Um breve Manual de Instrução: cinco ousadias para a formação diaconal

Quando compramos um eletrodoméstico, um eletrônico, um medicamento, outros objetos e bens duráveis, vem junto ao produto, embutido no preço, um Manual de Instrução. Quanto mais lemos tais instruções, mais proveito tiramos do produto adquirido e do investimento feito. Para concluir, apresento este breve Manual de Instrução para a Formação de Diáconos:

1. Formar diáconos para transformar água em vinho dos casamentos falidos, como Jesus nas bodas de Caná (Jo 2,1-11): apóstolos das famílias;
2. Formar diáconos para caminhar e levar esperança aos desanimados, como Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35): apóstolos dos desanimados e afastados;
3. Formar diáconos para uma “Igreja da Toalha”, ao invés de para uma “Igreja da Estola”, como Jesus no lava-pés (Jo 13,1-15). A toalha foi o primeiro e único paramento que Jesus usou (Don Tonino Bello): apóstolos da toalha (mesas), da caridade e do serviço humilde e fraterno;
4. Formar diáconos para ajudar os jovens, como o Projeto “Floresta que Cresce”: “Uma árvore que cai faz mais barulho do que ima floresta que cresce”: apóstolo das juventudes;
5. Formar diáconos para o “Pátio dos Gentios”, como o cardeal Gianfranco Ravasi: apóstolos dos descrentes ou não crentes.

BIBLIOGRAFIA|:

- 1- Cf Bíblia de Jerusalém, letras “a”, “h” e “i” das notas de rodapé.
- 2- Cf. Santo |Inácio de Antioquia e São Policarpo.
- 3- Libânio, João Batista, A arte de formar-se, Loyola,, 2001, 11.
- 4- Cf. CNBB, Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil. Formação, Vida e Ministério, Documento 96, E-dições CNBB, números 106-108.
- 5- Documento de Aparecida, Edições CNBB, número 205.
- 6- Papa Francisco, Discurso ao episcopado brasileiro, Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.
- 7- Idem.
- 8- Dom Alberto Taveira Corrêa, Zenit, 01 de agosto de 2013.
- 9- Cf. Papa João Paulo II, Redemptoris Missio, 62.
- 10- Papa Francisco.

* Dom Pedro Brito Guimarães é arcebispo metropolitano de Palmas, TO

FOTOS - XIV ENDFED



Dom João Salm (direita), referencial da CND, participou de todo o encontro



Padre César Braga, assessor do CELAM, foi o 1º palestrante.



Dom Sérgio da Rocha, arcebispo de Brasília, DF.



Diretoria da CND reunida com dom João Salm e padre Deusmar Jesus da Silva, assessor da CMOVC/CNBB



Dom Pedro Brito, arcebispo de Palmas, falou sobre os desafios da formação de diáconos permanentes.



A homenageada Ana Cecília Pontes, ladeada pelo presidente diácono Zeno e tesoureiro diácono Antonio Oliveira.



O Conselho Fiscal e Econômico realizou várias reuniões durante o Encontro para análise das contas da CND.

FOTOS - XIV ENDFED



Missa presidida por dom Pedro Brito Guimarães, arcebispo de Palmas, na Capela da Comunidade “Sementes do Verbo”.



Missa presidida pelo padre Deusmar Jesus da Silva, assessor da CMOVC / CNBB.



Bispos, presbíteros e diáconos participantes do XIV Encontro Nacional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais.



Missa na paróquia São Judas Tadeu de Palmas, em ação de graças pelos 20 anos de instalação da arquidiocese de Palmas.



A Comunidade Católica “Sementes do Verbo” ofereceu uma excelente “Noite de Confraternização”, com música, danças e excelentes comidas e bebidas típicas da região. Atitude carinhosa, acolhedora e gratificante.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIRETORES E FORMADORES DE ESCOLAS DIACONAIS PALMAS, TOCANTINS - 30 DE MAIO A 02 DE JUNHO DE 2016